

LEITURA DO FOLHETO *O DINHEIRO: O VIÉS SATÍRICO*.

Luzia Rita Nunes de LIRA
Orientador: José Hélder Pinheiro ALVES
Universidade Federal de Campina Grande

Considerações Iniciais

Entre os críticos literários e professores de literatura muitas tem sido as discussões a respeito dos atuais métodos de ensino de literatura. Há grande preocupação em torno de questões tais como: como fazer para despertar o interesse do aluno pelo texto literário? Porque e como ensinar literatura? Existe realmente a preocupação de se formar alunos leitores?

Esses questionamentos muitas vezes ficam sem respostas, uma vez que não se sabe ao certo como trabalhar com a literatura de forma que proporcione prazer e interesse dos alunos. Uma das problemáticas se deve, talvez, ao fato de o ensino de literatura, muitas vezes, ocorrer num espaço onde a leitura não é privilegiada, o que se verifica, quase sempre, é um ensino condicionado à historiografia e a teoria literária. Sendo assim, o estudo das chamadas escolas literárias assume um lugar de destaque nas aulas de literatura, onde o aluno deve decorar nomes de autores, datas e características dos movimentos literários.

Sabemos que a literatura em si não deve ser objeto que tem como pretexto ensinar. O que precisa ser ensinado é a leitura literária, para que o leitor possa alargar sua visão de mundo e com isso atribuir sentido a partir de suas próprias intervenções.

Conforme os PCNs (2002 p.145) o ensino de literatura: visa ao “ao aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Ainda de acordo com esse documento o ensino de literatura deve “recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura” p 145.

As atuais práticas de ensino de literatura não condizem com o que o referido documento orienta, já que muitos alunos do nível médio confessam não se sentirem motivados para as aulas de literatura, e se sentem pouco estimulados para o contato mais aprofundado com o texto literário. Isso se deve, muitas vezes, ao fato de as aulas de literatura se transformar-se em instrumentos de informações e de suporte para o estudo da gramática.

Na tentativa de sanar as dificuldades de leitura e compreensão, optamos por trabalhar com cordéis de Leandro Gomes de Barros, já que se trata de narrativas jocosas que se cruzam com o universo do alunado do sertão nordestino, campo desta experiência, de forma

engraçada e criativa, fazendo com que se possa reverter um pouco à realidade de não leitura dos alunos, ou funcionar como caminho possível de introdução dos alunos no universo literário. Para isso é importante que o aluno tenha contato com a obra; que a leitura seja feita em voz alta; que o professor provoque o diálogo, privilegiando a visão e o conhecimento de mundo do aluno, de modo que as discussões dos textos provoquem novas descobertas e alarguem os horizontes de expectativas.

Esta proposta se justifica pela necessidade de buscar desenvolver uma metodologia de leitura literária que valorize os elementos constituintes do gênero selecionado para abordagem, no nosso caso, o cordel: temática, metrificação, sonoridade, personagem, linguagem e outros. A ideia é também tentar mostrar que é possível diminuir a prática de leitura com fins apenas didáticos ainda estabelecidos na escola. Para isto, é necessário que o professor reflita e redimensione a sua prática, no sentido de propiciar ao seu aluno uma aproximação entre o mundo ficcional e o mundo real.

A ideia de trabalhar com o cordel se deve também por observar que é um gênero ainda pouco estudado na escola, além de ser um gênero que dialoga perfeitamente com a realidade do público instrumento de nossa pesquisa. Desejamos também que o cordel tenha espaço na sala de aula, como texto literário de valor que não se difere dos textos eruditos ao contrário, dada suas peculiaridades estéticas, como a extensão de suas narrativas, a musicalidade de seus versos, torna-se instrumento ideal para que o aluno entre em contato com o texto literário em sua integralidade e não mais de forma fragmentada. Além disso, o foco que resolvemos dar a obra de Leandro “a sátira” é tema constante na literatura e constantemente desenvolvida por esse autor, conforme Diégues JR (1986, p.317) “Sua originalidade, seu humor, e especialmente sua sátira, vistos no comentário social, fazem de seus folhetos obras-primas na Literatura de Cordel”.

1. A sátira na obra de Leandro Gomes de Barros: leitura do folheto *O dinheiro*

Leandro Gomes de Barros, nascido no sertão paraibano, foi o primeiro poeta popular a viver exclusivamente de escrever versos populares; segundo alguns estudiosos, ele abriu portas para o sucesso de centenas de cantadores e cordelistas nordestinos. Um aspecto de destaque na obra de Leandro foi à sátira, que perpassa a maioria dos seus poemas em tom jocoso, de caráter brincalhão que provoca no leitor o riso e a criticidade frente ao enredo de muitos de seus folhetos. Conforme podemos constatar o que diz Batista (1977):

[...] a maior glória do nosso romancista cabe a Leandro Gomes de Barros (1865)-19180, que foi, indiscutivelmente, o maior poeta popular do Brasil, “que se localizando no Recife inaugurou e vulgarizou no nordeste a literatura de cordel, publicando de sua autoria mais de mil produções cada uma mais irônica e mais adequada à sua inteligência aguda e vivamente repassada daquela mordacidade que era a linha vertical do seu caráter”. (BATISTA, 1977, p.XXIV)

A qualidade artística dos seus versos e sua originalidade deram a Leandro um lugar de destaque no Cânone da Literatura popular do Brasil. Acreditamos que a obra Leandro Gomes de Barros obteve uma repercussão ampla suscitando o diálogo com outros gêneros, como o Dramático, por exemplo. Segundo estudiosos como Curran, Diégues Jr., entre outros, Leandro é exemplo da verdadeira expressão artística do povo brasileiro e continua desempenhando papel importante na Literatura e confirmando a sua posição de destaque no cânone da Literatura Popular brasileira.

Em virtude de seu papel importante como iniciador da Literatura de Cordel ¹editada e de sua vasta produção Leandro foi escolhido para este estudo. Quanto à numerosa produção atribuída a esse poeta, devemos observar que há entre pesquisadores alguns pontos de vista diferentes: uns dizem ter chegado a mil produções diferentes outros afirmam que foram seiscentos a Fundação Casa Rui Barbosa, que possui um grande acervo de Literatura de Cordel aqui no Brasil, tem atualmente arquivado em seu banco de dados cerca de 400 folhetos desse poeta sertanejo. De fato sabemos que reedições de muitos de seus folhetos são produzidas e vendidas em todo o Brasil até os dias atuais. Também se acredita que ele seja o poeta popular brasileiro dos mais conhecidos.

Entre os poemas de Leandro que ainda hoje atraem a atenção dos leitores estão os de aspectos satíricos. Igualmente a muitos poetas populares, Leandro se sentia um representante de seu povo e para isso escrevia em estilo ligeiro e jocoso, muitas vezes afiava a língua e produzia belas obras sarcásticas. Curran (1973, p. 40) afirma que “é a crítica social que representa o melhor de sua obra. Como muitos poetas, ele sentiu certa responsabilidade e até obrigação - como representante do povo- de criticar as injustiças da sociedade e oferecer soluções, embora pessoais para elas.” Diegues Jr. (1977, p.347) comenta que: “A sátira e a crítica social nele são aspectos de uma poesia em traje de passeio, mas cheia de filosofia popular”.

¹ Vale lembrar que o termo cordel é de uso recente e instituído mais pela academia que pelos poetas, os quais na época das produções de Leandro eram conhecidos por nomes como folhetos ou folhetos de feira, folhetins, entre outros.

Dentre as obras publicadas até hoje, podemos citar *A história da Donzela Teodora*, *O cachorro dos Mortos*; *História do Boi Misterioso*, *O cavalo que Defecava Dinheiro*, *A alma de uma sogra*, *O casamento*, *Uma viagem ao céu*, *O dinheiro*, *Discussão de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe*, *Suspiros de um Sertanejo*, *Juvenal e o Dragão*, *Peleja de Riachão com o Diabo*, *Segunda Peleja de Romano com Inácio da Catingueira*, *História da Princesa da Pedra Fina*, *Índia Necy*, *História de João da Cruz*, entre outras.

No folheto *O dinheiro*, composto por 34 sextilhas com esquema rímico que segue a tradição dos folhetos nordestinos ABCBDB ou popularmente chamado de xaxaxa. Nele encontramos a história de um inglês ² que suborna um vigário fazendo-o realizar um enterro cristão para o seu cachorro de estimação. O padre ao saber que o cachorro deixou um testamento em que o beneficiária passa por cima das leis da igreja e realiza o dito enterro. O enredo divide-se em duas partes, na primeira o autor apresenta 19 sextilhas onde em diversas situações o dinheiro é destaque, 15 estrofes no início e 04 estrofes no final do folheto, intercalada a essas estrofes está o que chamaremos de segunda parte. Veja-se a estrutura da primeira parte:

Porque só mesmo o dinheiro
Tem maior utilidade,
É farol que mais brilha
Perante a sociedade.
O código dali é ele
A lei é sua vontade.
(BARROS, estrofe 4)

As instituições tidas como moralmente irrepreensíveis ou poderosas são criticadas por Leandro, que busca provocar polêmica através do desmascaramento, trazendo à luz a verdades correntes em instituições como a igreja, o poder judiciário e até mesmo a família.

O homem tendo dinheiro
Mata até o próprio pai,
A justiça fecha os olhos
A polícia lá não vai,
Passam-se cinco ou seis meses
Vai indo o processo cai

Ainda que vá a júri
Compra logo atenuante,
Dá um unto aos jurados
Se livra no mesmo instante,

² Vale salientar que o *inglês* faz parte de uma série de folhetos, onde Leandro satirizava essa figura, e que Diégues Jr. (1986) classificou como tema “Os estrangeiros no Brasil”.

Tem o juiz a favor,
Jurados e assim por diante
(BARROS, estrofes 5 e 7).

Outro fator de destaque nesse poema é a presença da comparação do ser humano com o animal, acreditamos que o autor buscava suscitar a reflexão em torno do tema discutido no folheto: o valor do homem na sociedade, tendo dinheiro vale muito se não, até mesmo um animal vale mais:

Pois o homem sem dinheiro
É como um velho demente,
Um gato que não tem unha,
Cobra que não tem dente
Cachorro que não tem faro
Cavalo magro e doente.
(BARROS, estrofe 11)

Também podemos destacar que o discurso do poeta tem uma forte ligação com o seu conhecimento de mundo, uma vez que, essa aproximação do homem com a natureza é típica da relação existente entre o homem sertanejo e o seu universo.

A segunda parte do folheto tenta comprovar tudo que foi afirmado na primeira, contando a história “verídica” do inglês que consegue corromper a instituição considerada uma das mais poderosas da época em que o folheto foi publicado; a igreja católica e cuja missão era considerada sublime. Isso só foi possível porque no testamento do animal constava como herdeiro o vigário. Em nossa observação notamos que o enredo busca ser denunciativo e faz isso através, muitas vezes, do riso, da ironia, tentando expor a verdade sem sofrer sanções por isso. As expressões satíricas, presentes na maior parte das produções do poeta recorrem à possibilidade de um riso crítico, que pressupõe a superioridade de quem ri face ao alvo do riso ou, suscitado pelos defeitos daquilo ou de quem se ri.

Um inglês tinha um cachorro
De uma grande estimação
Morreu o dito cachorro
E o inglês disse então:
Mim enterra o cachorro
Inda que gaste um milhão

Ele antes de morrer
Um testamento aprontou
Só quatro contos de réis
Para o vigário deixou.
Antes do inglês findar
O vigário suspirou.

Coitado! Disse o vigário,
De que morreu esse pobre;
Que animal inteligente!
Que sentimento tão nobre!
Antes de partir do mundo
Fez-me presente o cobre.

A sátira é enfatizada pelo discurso do padre que demonstra uma brusca mudança de comportamento (fala dócil), de atitude (o suspiro) e da atribuição de sentimento ao animal. Encontramos nesse folheto uma grande aproximação com a sátira menipéia explorada por Bakhtin (1981). Em seu estudo de Bakhtin (1981) ao falar sobre a sátira de Luciano de Samósata (escritor da antiguidade clássica), nos remete de imediato as produções do cordelista paraibano, e mais detidamente ao folheto *O dinheiro*:

As sátiras de Luciano são, no conjunto, uma autêntica enciclopédia da sua atualidade: são impregnadas de polêmica aberta e velada com diversas escolas ideológicas, filosóficas, religiosas e científicas, com tendências e correntes da atualidade, são plenas de imagens e figuras atuais ou recém-desaparecidas, dos “senhores das ideias” em todos os campos da vida social e ideológica (citados nominalmente ou codificados), são plenas de alusões a grandes e pequenos acontecimentos da época, perscrutam as novas tendências da evolução do cotidiano, mostram os tipos sociais em surgimento em todas as camadas da sociedade, etc. (BAKHTIN, 1981, p.102).

Percebemos que assim como as obras de Luciano *são impregnadas de polêmica aberta e velada com diversas escolas ideológicas, filosóficas, religiosas e científicas*, também folheto em análise se utiliza desses procedimentos para compor seu enredo, uma vez que coloca em discussão, em forma de diálogo com o interlocutor, além de outras, as atitudes e reações do vigário e do bispo, sinalizadas pela presença do ponto de interrogação que abre espaço para a reflexão da temática, veja-se:

Mandaram dar parte ao bispo
Que o vigário tinha feito
O enterro do cachorro,
Que não era de direito
O bispo aí falou muito
Mostrou-se mal satisfeito.

O vigário entregou-lhe
Os dois contúculos de réis.
O bispo disse é melhor
Do que diversos fiéis.
E disse: provera Deus
Que assim lá morresse uns dez

E se não fosse o dinheiro,
A questão ficava feia
Desenterrava o cachorro
O vigário ia pra cadeia
Mas como o cobre correu
Ficou qual letras na areia

(BARROS, estrofes 24,29 e 30).

Novamente o discurso entra no poema como forma de satirizar. Desta vez é o discurso do bispo que irá destacar o efeito satírico, demonstrado pela mudança de tom na fala e nas atitudes do bispo perante a situação ocorrida. Além disso, percebemos que essas estrofes encerra a segunda parte sem, contudo encerrar o poema, pois há nesse momento um retorno à

primeira parte do folheto onde o autor vai apresentar novamente, situações em que o dinheiro é determinante das ações humanas.

Judas era um homem santo
 Pregava a religião
 Era discípulo de Cristo,
 Tinha toda direção
 Porém por 30 dinheiros
 Dispensou a salvação.

Havendo muito dinheiro
 Casa-se irmã com irmão,
 O bispo dispensa um quarto
 Vai ao papa outro quinhão
 O vigário dá-lhe o unto
 E porque não casam, então.
 (BARROS, estrofes 31 e 34).

O aspecto satírico tão presente nas obras de Leandro encontram-se acentuadas nesse folheto. Nele o poeta satiriza o Inglês, a igreja católica na figura de seus representantes hierárquicos, critica o poder judiciário, revela as fraquezas humana perante o dinheiro tudo isso em um tom mordaz, porém jocoso.

2. Aspectos metodológicos e os sujeitos da pesquisa

A partir de algumas ideias apontadas pela Estética da Recepção, que desenvolveu seus estudos dando destaque à figura do leitor e as relações estabelecidas entre esse e o texto, muitas pesquisas voltadas para o ensino de literatura passaram a centrar-se na recepção que o aluno leitor tem das obras. Para o método recepcional segundo Bordini & Aguiar (1993, p.31) “A obra é tanto mais valiosa quanto mais emancipatória, ou seja, quanto mais propõe ao leitor desafios que as expectativas deste não previam”.

Nesse sentido procuramos desenvolver atividades de leitura que possibilitassem observar o modo de recepção e os efeitos causados pelo texto no leitor além de propiciar o contato efetivo com a leitura de cordel na sala de aula.

A relevância desta intervenção se deu a partir da necessidade de apontar sugestões metodológicas para o trabalho com a Literatura de cordel em sala de aula. Sugerimos que leitura literária fosse privilegiada, além disso, pretendíamos contribuir para a disseminação da Leitura de cordel na escola.

Bell (2008) afirma que “os métodos são selecionados por fornecer dados que você precisa para produzir uma peça de pesquisa completa” p.101. Portanto, nessa tentativa de verificar com mais precisão o trabalho com a literatura em sala de aula é preciso dominar algumas técnicas que possam fornecer dados seguros e pertinentes.

A priori observamos a prática do professor de literatura e posteriormente aplicamos um questionário sócio – cultural para verificar a qualificação profissional e as experiências docentes. O mesmo procedimento foi feito com os alunos colaboradores, a fim de verificar suas experiências de leitura. Os questionários constaram de questões abertas, que serviram de instrumentos para traçarmos o perfil da professora e dos alunos colaboradores, os quais já foram analisados em tópico anterior.

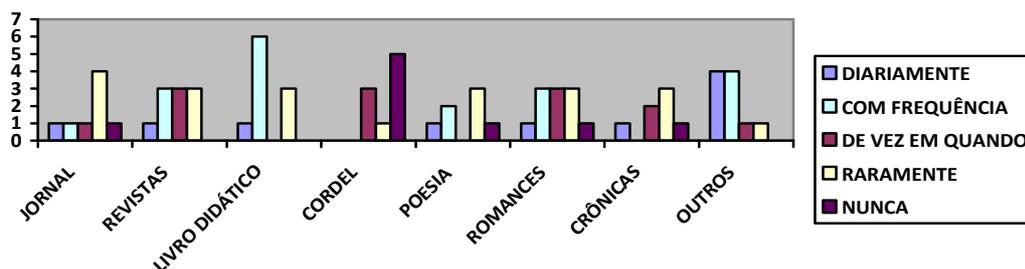
Utilizamos também a pesquisa – ação por considerar que ela nos orientou no decorrer da nossa experiência, fornecendo dados sobre como criar e formular estratégias que possam ajudar a desenvolver competências e habilidades de leitura “A pesquisa – ação é eminentemente pedagógica e política. Ela pertence por excelência à categoria da formação, quer dizer, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano” (BARBIER, 2002, p. 19).

Portanto, nossa experiência se pautou em dois tipos de procedimentos: a apreciação crítica e pesquisa – ação. Apreciação crítica no que se refere à leitura e análise de folhetos de Leandro Gomes de Barros e pesquisa-ação no decorrer da nossa experiência com a leitura de folhetos na sala de aula.

Através dos dados coletados com o questionário montamos um breve perfil dos colaboradores, que descreveremos a seguir:

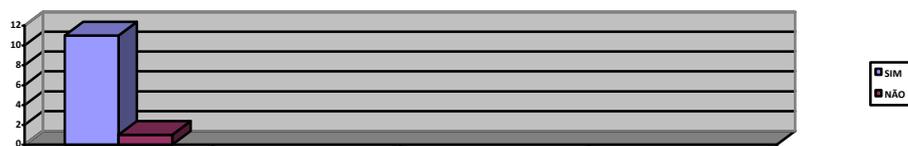
Era uma turma de 12 alunos, 8 homens e 4 mulheres com idades entre 16 e 19 anos a maioria residente na Zona urbana (apenas uma aluna morava na zona rural). Dos 12 alunos apenas quatro trabalhavam quando não estavam na escola, onze, afirmaram serem solteiros, apenas um afirmou não ser solteiro nem casado (marcou a opção outro). Nenhum deles havia ficado algum período sem estudar, porém 3 deles já haviam repetido de série.

Quanto aos hábitos de leitura, 5 alunos responderam que mantinham esse hábito, 6 responderam que não costumavam ler e 1 aluno não respondeu a essa pergunta. Quanto ao tipo de leitura que eles realizam obtivemos os seguintes dados:

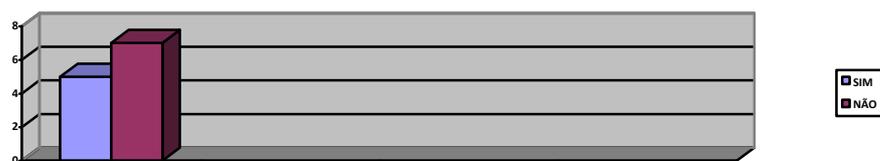


Podemos perceber que a maioria dos alunos afirma realizar com frequência a leitura do livro didático, que, talvez seja influencia das ações da professora que em seu discurso afirma utilizar-se muito desse suporte didático. Também percebemos que a leitura literária ocupa um espaço de desvantagem em comparação com a leitura de jornais e de revistas, o que nos deixa um pouco apreensivas quanto ao fato de um dos motivos que nos levaram a escolher tal série tenha sido uma possível maturidade leitora, ao mesmo tempo em que ficamos felizes em saber que com frequência nossos colaboradores realizam algum tipo de leitura.

Ao serem questionados se na escola lhes eram indicados livros para leitura em casa, obtivemos o seguinte resultado que de início nos pareceu positivo:

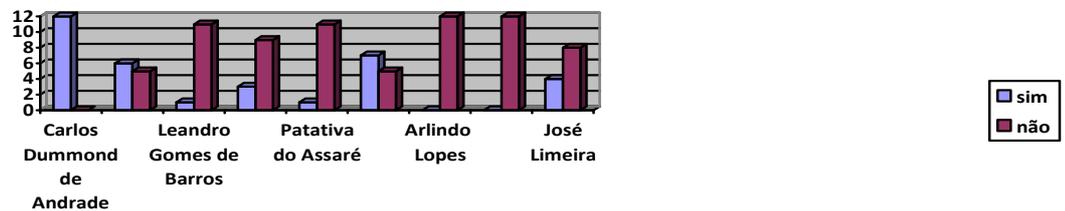


Esse resultado também confirmava o que dissera a professora que costumava levá-los a biblioteca para que pudessem escolher livros para lerem, porém com a recente mudança na grade curricular que trocou uma aula de Língua Portuguesa por Filosofia eles perderam esse espaço, e então a professora passou a apenas indicar leituras a serem realizadas fora do ambiente escolar. Porém, ao serem questionado se eles realizavam as leituras indicadas obtivemos os seguintes resultados:



Podemos então depreender que a maioria, mesmo sendo indicado pela professora, não realiza as leituras. Vale ressaltar que um dos alunos que afirmaram não realizar as leituras indicadas nos procurou posteriormente para destacar que teria respondido não, porém isso não significava que não lia, mas que não lia porque era indicado e sim lia o que lhe dava vontade. Entendemos essa resposta como sendo uma forma desse aluno firmar sua autonomia e identidade. Ressaltamos ainda, que esse aluno era o mesmo que os colegas afirmavam ser poeta, ficamos felizes com a sua procura, pois nos fez acreditar que estávamos conseguindo nos aproximar harmoniosamente com a turma e até mesmo a ganhar confiança.

Ao serem questionados se conheciam algum poeta popular, 5 alunos responderam que não e 6 responderam que sim, porém ao completarem a questão citando o poeta popular que conheciam citaram nomes como Carlos Drummond de Andrade, Augusto dos Anjos, Fernando Pessoa, Pedro Bandeira e João Cabral de Melo Neto e Chorão (Vocalista e compositor do grupo musical CBJr.). Essas respostas demonstraram que a turma não consegue fazer distinção entre poetas, romancistas ou mesmo compositores musicais e também não identificam nenhum poeta realmente popular. Quanto aos escritores que eles conheciam dentre uma lista que lhes foi apresentada no questionário obtivemos os seguintes resultados:



Percebemos que é grande ainda o conhecimento acerca dos escritores já renomados e cuja relevância está cristalizada na sociedade. Enquanto que o conhecimento dos escritores popular se apresenta de modo tímido, mesmo aqueles escritores nascidos em sua cidade, como é o caso do poeta Zé Limeira, apenas quatro alunos afirmaram conhecerem, isso representa menos de 40 % da turma. Quando interrogados se já haviam lido textos dos escritores que afirmaram conhecer tivemos respostas que variavam entre os que confirmavam e citavam títulos de obras e os que afirmavam terem lido, mas que não lembravam títulos das obras. Apenas 3 alunos afirmaram nunca terem lido nada de nenhum dos escritores e 2 alunos não responderam a questão.

Quanto à leitura de cordel 09 alunos responderam que já haviam lido algum folheto na vida e 3 responderam que nunca haviam lido nenhum folheto. Por fim, lhes foi indagado se costumavam assistir a programas com violeiros ou cantorias e se conheciam algum poeta popular ou cantador da região, foram unânimes em responder que não costumam assistir a programas com violeiros ou cantorias. Porém 7 responderam que conheciam algum poeta ou cantador da sua região e o restante respondeu que não.

Concluimos a análise dos dados coletados através do questionário observando que o contato que esses alunos tiveram durante a educação básica (visto que se encontravam na última etapa) com a literatura foi um tanto superficial e que a aproximação com a leitura literária é vaga.

3. Vivenciando a leitura em sala de aula

O nosso encontro sugeria a leitura do folheto *O dinheiro*, partindo do pressuposto de que trata Colomer “compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia.”p.147, decidimos então realizar a leitura seguida de debate.

Preparamos o ambiente (a sala de vídeo cedida pela direção da escola) dispondo as carteiras em círculos para facilitar a interação durante a leitura e o debate, e pregamos notas de dinheiro de brinquedo para chamar atenção e criar expectativas quanto à leitura.

Iniciamos a aula comentando que havia nas carteiras algo que todos gostavam, e de imediato alguns começaram a rir e confirmar com gestos afirmativos, então perguntamos o que fariam se tivessem ou ganhassem muito dinheiro, nesse momento houve uma boa participação:

Aluno 1: Investiria para não gastar tudo de uma vez
 Aluno 2: Criaria uma marca de skate com o meu nome
 Aluno 3: Abriria uma escola de música aqui em Teixeira
 Aluno 4(criticando a escolha do colega): Tu pensa pequeno, querer abrir uma escola de música aqui.

Houve risos de alguns e o clima parecia bem prazeroso, então indaguei sobre o que eles achavam do poder que o dinheiro exercia na sociedade, e obtivemos novamente uma boa participação, veja-se:

Aluno 5: É hoje em dia quem manda é o dinheiro
 Aluno 6: O prefeito de *Maturéia* só ganhou as eleições porque comprou os votos
 Aluno 7: Se um rico comete um assassinato está livre
 Aluno 2: Eu soube de uma mulher que roubou uma margarina e passou mais de um mês presa
 Aluno 1: É! Se alguém chega a um hospital e tem dinheiro recebe um tratamento diferente daquele que não tem.

A turma como todo se mostrou bastante interessada no tema que era posto em discussão, mesmo os que não participavam fazendo comentários se mostravam através de gestos e olhares afirmativos ou mesmo através do riso. Ainda não havíamos realizado a leitura, contudo, percebíamos grande envolvimento da turma como um todo e assim acreditamos ter cumprido com êxito o que Rildo Cossom (2009, p.77) chama de “motivação” quando afirma que “A motivação consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo a ser lido”.

Sugeri então que observassem e comentassem o que eles percebiam através da xilogravura, se a partir dali já dava pra se ter uma idéia do que se tratava o enredo da obra. Nesse momento chegaram dois alunos que até então não haviam entrado na sala, pedimos que se acomodassem. Fizemos um breve resumo do que tinha acontecido até aquele momento, eles se acomodaram e nós voltamos à discussão:

Aluno 3: Parece com a história do Auto da Compadecida
 Aluno 1: É mesmo, o testamento do cachorro.
 Aluno 5: Alguém já assistiu;
 Aluno 8: Onde você viu isso;
 Aluno 1: Na capa, o subtítulo. Todo mundo já assistiu, né!
 Aluno 8: É mesmo

Iniciamos a leitura seguindo a sugestão de Pinheiro (2001, p.84) “A leitura oral dos folhetos, como já afirmamos, é indispensável. Portanto a primeira atividade deve ser a leitura em voz alta”. A nosso ver, a primeira leitura de folhetos em sala de aula deve ser feita pelo professor, tendo em vista que ele conhece bem o texto e poderá realizá-la com maior qualidade. Realizamos então a leitura. Os alunos acompanhavam com os seus folhetos, notamos que muitos alunos riram enquanto líamos as estrofes 14 e 29:

A moça tendo dinheiro

Sendo feia como a morte
 Caracteriza-se, enfeita-se.
 Sempre melhora de sorte
 Mais de mil aventureiros
 A desejam por consorte

(BARROS, estrofe 14)

O vigário se abriu
 Os dois contículos de réis
 O bispo disse é melhor
 De que diversos fiéis
 E disse prouvera Deus
 Que assim lá morresse um dez.

(BARROS, estrofe 29)

Encerramos a leitura e propomos então que fizessem nova leitura dessa vez individual tentando destacar as estrofes que mais lhe chamassem a atenção, conforme Pinheiro (2001) “repetidas leituras em voz alta é que vai tornando o folheto uma experiência para o leitor”. P.84. Logo obtivemos a participação dos alunos que fizeram a leitura de algumas estrofes. O Aluno 1 leu a estrofe 32:

O dinheiro só não pode
 Privar do dono morrer,
 Parar o vento no ar
 E proibir de chover
 O resto se torna fácil
 Para o dinheiro fazer

E afirmou: “nem tudo o dinheiro pode, né”!

O aluno 9 leu para a turma a estrofe que mais lhe chamou atenção:

O homem tendo dinheiro
 Mata até o próprio pai,
 A justiça fecha os olhos
 A polícia lá não vai,
 Passam-se cinco ou seis meses
 Vai indo o processo cai.

E comentou: “a pessoa não se importa nem com a família, tendo dinheiro”. Então relembramos que alguns dos comentários surgidos no início da aula se efetivavam na leitura do texto. Então indaguei se havia alguma estrofe que eles achavam mais engraçada, tentávamos observar se eles percebiam o aspecto satírico da obra. Então o Aluno leu a estrofe 14, justamente a que havíamos percebido o riso discreto enquanto realizávamos a leitura, confirmando nossa percepção. Ao percebermos que certo silêncio tomava conta da sala continuamos a sugerir que alguém destacasse alguma outra estrofe que tenha achado engraçado. Então o aluno 7 fez a leitura da estrofe 13:

O bacharel por dinheiro
 Só macaco por banana
 Ou gato por gabiru
 Ou um guaxinim por cana
 Só sagüi pela resina
 Ou bode por jutirana.

É bem engraçada a comparação!

O debate se seguiu ainda por alguns minutos, em que obtivemos comentários que diziam o seguinte: “é engraçado, mas é desse jeito que acontece!” “É tudo verdade!”.

Considerações Finais

A formação de leitores na escola percorre um caminho que passa por questões relevantes, tais como: as condições de apresentação dos textos, os suportes utilizadas, a formação literária dos mediadores e os momentos de recepção. Os textos de origem popular foram durante muitos anos, mantidos fora do ambiente escolar, o qual privilegiava os textos canônicos, quando se designava algum espaço para a Literatura Popular essa era transformada em folclore e vista como algo morto e distante da vivência dos leitores. Visto que consideramos a Literatura de Cordel uma manifestação de grande valor cultural e produtiva e que acreditamos que ela deva ser experimentada pelos leitores, adotamos para a realização desta pesquisa metodologias de leitura de Cordel que assim a apresentasse.

Primeiramente devemos explicitar que, após refletirmos sobre nossa experiência de leitura, podemos afirmar que, de fato, ao optarmos desenvolver a experiência a partir do aspecto satírico eliminamos uma barreira inicial que era o contato dos alunos com a Literatura de Cordel de forma agradável comprovada pelo envolvimento deles com a leitura e pelos diversos momentos de descontração e riso.

Procuramos realizar uma reflexão sobre como outras perspectivas de ensino (diferente do historicismo a que estavam acostumados) podem contribuir para enriquecer a experiência do aluno com a literatura em sala de aula.

A partir dos elementos analisados e destacados por nossos alunos durante a leitura do folheto *O dinheiro* pudemos desfazer a imagem que se tinha da turma de leitores, tidos quase sempre, pelos professores, como apáticos e desinteressados.

Quanto à perspectiva de leitura literária norteadora de nossa pesquisa, constatamos que a sala de aula enquanto espaço de experiência literária significativa dá lugar a textos literários que não constam nos manuais didáticos, auxiliando no desenvolver da criticidade dos alunos.

Fontes Bibliográficas

- ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- BABIER, René. *A Pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Dido. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.
- BELL, Judith. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRASIL/SEMEC. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: MEC/Semtec, s2008.
- BRASIL/SEMEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*. trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1.ªed. São Paulo: Contexto, 2009.135p.
- CURRAN, Mark J. *A Literatura de Cordel*. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 1973.
- DIÉGUES JR. M e outros. **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- JAUSS, Hans Robert. Et. al. **A leitura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MEDEIROS, Irani. **No reino da Poesia Sertaneja; antologia Leandro Gomes de Barros**. João Pessoa: Idéia, 2002.
- _____ ; LÚCIO, Ana C. Marinho. **O cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- _____ ; LÚCIO, Ana C. Marinho. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola).